



Conversas com Francis Bacon

O cheiro do sangue humano
não desgruda seus olhos de mim

Franck Maubert

*“Não sabemos por que determinadas coisas nos tocam.
É verdade, adoro os vermelhos, os azuis, os amarelos,
a gordura da carne. Somos carne, não é mesmo?”*

Francis Bacon

Amizades, infância e educação, o homossexualismo, viagens, o álcool, religião, a vida. E também a arte: leituras e influências, Velázquez, Picasso, Giacometti, a pintura, o conceito de criatividade. São muitos os temas abordados pelo crítico de arte Franck Maubert nessas **Conversas com Francis Bacon**, que se iniciaram em 1982, no famoso e quase secreto ateliê do pintor em Londres. Outros encontros viriam, e com eles uma amizade que duraria até a morte do artista, uma década depois.

Francis Bacon (1909-92) foi um dos mais importantes artistas do século XX. Sua pintura é crua, direta e ainda assim sensível – como suas palavras. Existencial no limite da patologia estética, mestre da “desfiguração” ou mesmo da deformidade, na opinião de Maubert, mais que qualquer artista, Bacon encarnava a pintura.

Para marcar o centenário do nascimento do pintor, Maubert voltou às conversas gravadas e às anotações desses encontros, selecionando passagens que conservam a intimidade oferecida pelo artista e o seu caráter complexo e ambíguo. E acrescentou uma série de descompromissados registros fotográficos que Bacon permitiu que ele fizesse, contribuindo para essa atmosfera de proximidade.

Complementam o volume um texto introdutório de Maubert, “Morada do caos”, sobre Bacon, seu ateliê e a amizade entre eles; “Bacon & Bacon”, um interessante exercício de aproximação entre as obras do pintor e os escritos do filósofo seu homônimo; e uma breve cronologia.

FRANCK MAUBERT é jornalista e escritor, autor de diversos livros dedicados à pintura e à canção francesa, além de romances. Foi crítico de arte da revista *L'Express*, ocasião em que iniciou seu contato com Bacon.

96pp

Tradução:
André Telles

*“Falar o divertia. Falar o excitava.
Falar, para ele, também era uma arte.
Não hesitava em pisar e repisar um assunto,
em dissecar uma ideia, em lutar
com uma palavra para melhor destrinchá-la,
equipado com vários dicionários
se fosse o caso... Sempre exigente, às vezes
lacunar. Provocava – adorava provocar –
e seduzia, não sem humor.”*

F. Maubert